

AS TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO

*Ermelio Rossato**

*A*o longo da história, o trabalho passou pelas mais diversas transformações tanto em seu modo de ser entendido como em função de mudanças tecnológicas. Foi interpretado como expiação e castigo, como função de escravos, valorizado como vocação e missão humana, fonte de salvação ou alienação e modernamente assumiu uma concepção personalista. Do ponto de vista tecnológico passou por transformações que vão desde o uso da pedra lascada até a informática mais sofisticada.

Que conceitos foram atribuídos ao trabalho desde seus primórdios até a Idade Moderna? Que mudanças tecnológicas ocorreram no mundo do trabalho, a partir da Revolução Industrial? Que problemas afetam o homem e o trabalhador dos dias atuais?

* Professor do Curso de Administração de Empresas do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria (RS).

O trabalho ao longo da História

Na Antigüidade o conceito de trabalho quase sempre esteve aliado a uma visão negativa. A palavra trabalho vem do termo latino *tripalium*, um aparelho de tortura formado por três paus aos quais eram atados os presos, condenados ou animais. Daí sua conotação de tortura, sofrimento, castigo.

Para os gregos o trabalho manual era tarefa dos escravos. Para eles a atividade humana se dividia em intelectual e física, sendo a atividade teórica a mais digna. Segundo Platão, a atividade dos melhores homens era a contemplação das idéias. O trabalho intelectual, (gratuito e livre do contato com a matéria) era considerado digno dos seres racionais e livres. O trabalho manual e físico, tarefa dos escravos, era ao contrário humilhante. O trabalho intelectual tem a primazia e é nobre, enquanto o trabalho físico é desprezado. Ao homem livre e racional, que se dedica à tarefa do intelecto cabe o ócio e ao escravo compete o esforço físico.

Para os romanos o termo *negotium* demonstra a oposição entre trabalho e ócio. É a negação e ausência do lazer.

Outra grande corrente que influiu no conceito de trabalho foi a tradição judaico-cristã. Na tradição judia o trabalho é uma tarefa penosa e tem o caráter de castigo. Adão e Eva viviam felizes no paraíso e porque pecaram são de lá expulsos, recebendo como castigo a condenação ao trabalho: *Comerás o pão com o suor de teu rosto* e à mulher cabe a dor do parto. O trabalho tem, pois, uma conotação de castigo e expiação.

No início do cristianismo o trabalho era encarado como uma punição do pecado e como meio de afastar os maus pensamentos gerados pela preguiça e ociosidade. Para os cristãos do tempo de Santo Agostinho o trabalho devia alternar-se com a oração, porém a meditação e a contemplação são colocadas acima do trabalho. O corpo aperfeiçoa-se pelo trabalho mas o melhor do tempo deve ser reservado para a oração e a contemplação.

São Tomás de Aquino, na Idade Média, faz uma aproximação entre o trabalho físico e o trabalho intelectual afirmando que todos os trabalhos se equivalem, embora a visão grega predomine e a contemplação seja colocada acima da ação. O *ora et labora* dos monges beneditinos reserva o melhor do tempo para a contemplação que é vista como superior.

Com a Renascença, o homem deixa de ser visto como um animal teórico e passa a ser visto como um sujeito ativo e não mais como mero contemplador. Com o início das relações capitalistas e o desenvolvimento da técnica e da ciência, o homem passa a ser encarado sob nova forma bem como suas atividades em relação à natureza. A contemplação continua a desfrutar da primazia em relação ao trabalho manual, mas este já não tem

a conotação de escravidão e humilhação. O contato com a natureza não representa uma humilhação, sendo o trabalho a expressão e o prolongamento do homem. Pelo trabalho o homem torna-se criador. A satisfação não vem da renda e da afirmação em relação aos outros, mas vem do próprio trabalho, que tem um valor em si.

Com a reforma protestante o conceito de trabalho passa por uma profunda mudança. Lutero atribui ao trabalho um importante papel na vida. Embora afirme que ele seja consequência do pecado do homem, repete São Paulo que afirma que todo aquele que tem capacidade deve trabalhar. O ócio é prejudicial e a ocupação um modo de servir a Deus. A profissão é uma vocação e o trabalho o caminho para a salvação. Cabe ao homem neste mundo ter não apenas uma atitude contemplativa, mas cumprir a vontade de Deus pelo trabalho e pela profissão.

Calvino associa o trabalho à idéia de predestinação. Para ele o homem nasce salvo ou condenado, alguns estão predestinados a ter êxito, outros a viver na miséria. É vontade de Deus que todos trabalhem e é pelo trabalho que o homem chega ao êxito que o inclui entre os eleitos. Os frutos de seu suor não devem ser gastos com conforto e vaidades, mas devem ser reinvestidos. Calvino condena a perda de tempo e o esbanjamento da riqueza. Na ética calvinista o tempo tem seu valor enfatizado. A perda de tempo em conversas ociosas, devaneios, vida social intensa constitui pecado porque a vida é breve e preciosa, por isso o homem deve empregar todo o seu tempo em servir a Deus. A vida deve ser de trabalho e com ascese. O trabalho afugenta as dúvidas religiosas e assegura a certeza da graça de Deus. O homem religioso e o homem econômico realizam sua tarefa no mundo e na sociedade.

No século XVIII Adam Smith e Ricardo falam de *homo oeconomicus*, o homem que produz. Para eles o trabalho é a transformação da realidade e exaltam a atividade produtiva. O mérito destes autores consistiu em considerar o trabalho como fonte de riqueza e de valor. Eles viram o trabalho apenas pelo seu aspecto exterior e esqueceram de vê-lo enquanto sentido para o homem. Deixaram de enxergar o homem em sua totalidade e o analisaram apenas enquanto *homo oeconomicus*.

Marx tem uma noção de totalidade, de homem, natureza e sociedade. Para ele a essência do homem está no trabalho, pois trata-se de um ser que produz. E o que o homem produz é o que ele é. O ser humano é aquilo que ele faz. O trabalho é expressão do homem e este deve trabalhar para fazer-se a si mesmo homem. A natureza do homem depende das condições materiais que determinam sua atividade de produção.

Segundo Marx o trabalho é a mediação entre o homem e a natureza. Pelo trabalho o homem transforma a si mesmo e à natureza. Agindo sobre o mundo exterior e modificando-o, o homem modifica a si mesmo.

O trabalho do homem se distingue do trabalho animal. O trabalho de uma aranha ou de uma abelha, por mais perfeitos que sejam, é diferente do trabalho humano. *O que distingue o pior arquiteto da melhor das abelhas é que o arquiteto ergue a construção em sua mente antes de a erguer na realidade.* O que distingue o homem do animal é que o homem pensa, raciocina, faz projetos, representa mentalmente o que deseja produzir e tem seu projeto e visão antes de ter o produto.

Nas relações capitalistas predominam as relações de trabalho capitalistas que são de alienação, pela qual o trabalhador não é mais o centro de si mesmo e o produto de sua atividade deixa de lhe pertencer. Segundo estas relações o trabalhador não é mais dono do fruto de seu trabalho e passa a ser comandado totalmente de fora. O centro desloca-se de si para o outro, o produto não é mais seu mas é do outro, o centro não é mais o trabalhador mas o outro.

Marcuse, filósofo alemão, radicado nos Estados Unidos, analisa a sociedade industrial que ele chama de unidimensional. Esta sociedade cria nas massas a necessidade de produzir e de consumo do supérfluo. Mesmo que já exista superprodução e não haja necessidade de trabalho, este se torna necessário para esquecer a falta de liberdade e a repressão da sociedade. O trabalho distrai e mantém as massas ocupadas e obedientes a um sistema que se reproduz.

No sentido personalista o trabalho tem quatro dimensões: a primeira é modificar a realidade exterior. O trabalho tem a finalidade de dominar e organizar a matéria exterior. Compreende desde o plano material até o plano da técnica, das ciências, da política. A segunda dimensão compreende o trabalho como fator de maturidade humana, com a condição de que exprima a interioridade do homem. Disto decorre a consequência de que o homem não é um apêndice da máquina, da propaganda, do sistema político. Em terceiro lugar o trabalho estabelece relações entre os homens, não relações de dominação mas de comunhão. Por fim o trabalho enriquece o universo com novos valores porque leva à descoberta de novas dimensões da vida, da história, do pensamento humano.

A Revolução Industrial

A partir da Revolução Industrial, com a mudança de tecnologia, o mundo do trabalho passa por uma mudança radical. As forças musculares

humanas ou animais são substituídas por novas formas de ação, desencadeando-se um processo de mudança cada vez mais acelerado, com profundas conseqüências para o homem e a sociedade.

A primeira Revolução Industrial ocorre a partir do século XVIII e restringe-se à Inglaterra e à França e é marcada pelas grandes invenções. John Kay, tecelão e mecânico, em 1733 inventa a lançadeira volante para ser utilizada na indústria têxtil. Com este invento um operário realiza sozinho o trabalho feito por 2 ou 3 operários. Com a *water frame*, em 1767, passa-se a utilizar a energia da água e é feito um fio sólido que equivale ao trabalho de 10 a 12 operários. Em 1755 Abraham Darby consegue substituir a madeira pela hulha para derreter o ferro e em 1783 aperfeiçoa-se a fundição e a máquina de metal substitui a máquina de madeira. A máquina a vapor é creditada a James Watt, em 1769, por tê-la aperfeiçoado em relação aos trabalhos anteriores.

Esta primeira Revolução Industrial substitui a produção de energia pela força motriz. Com as novas invenções aumenta a produção, diminui a fadiga e cresce o lucro. Segundo Paul Mantoux¹, o trabalhador passa por três etapas: Primeiro o operário tornou-se o locatário dos instrumentos de trabalho que deixam de lhe pertencer. Depois, o capitalista e proprietário dos meios de produção recolhe-os em um recinto de sua propriedade e concentra a mão-de-obra sob sua vigilância. Nasce a manufatura ou a fábrica, e tem início o capitalismo. Por fim, na manufatura é introduzida a máquina. Nasce a Revolução Industrial.

A segunda Revolução Industrial ocorre com a expansão da industrialização pela Europa e Rússia. Desenvolve-se o colonialismo para satisfazer a necessidade de matérias-primas e a Revolução Industrial tem início nos Estados Unidos e Japão. Dá-se a grande cisão entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Esta segunda etapa é marcada pela aparição de novas forças motoras, aperfeiçoamento do motor a explosão, uso da energia elétrica e derivados de petróleo, grande impulso da indústria química (corantes) e do telégrafo. A indústria automobilística reflete as novas invenções, juntamente com a indústria metalúrgica que busca atender as novas exigências.

Buscando melhorar as condições dos trabalhadores são criadas as associações de operários que lutam por melhores condições de trabalho. Como conseqüência aumentam a automação, a produtividade e os salários e diminui a fadiga física. Em contrapartida exige-se a profissionalização dos operários e decresce a demanda de mão-de-obra não especializada.

¹ MANTOUX, Paul. *A Revolução Industrial no século XVIII*. São Paulo: UNESP, 1991.

A terceira Revolução Industrial caracteriza-se pelo grande avanço da tecnologia, automação do processo produtivo e onipresença da informática. É uma sociedade de serviços, informação e conhecimento. Crescem grandemente os lucros dos capitalistas com o aumento da produção e redução do tempo de trabalho e de custos. O trabalhador oferece sua força de trabalho mas a necessidade de mão-de-obra é cada vez menor. As grandes corporações tomam conta do mercado e o mundo passa a obedecer a divisão: países ricos (Europa, Estados Unidos, Canadá e Japão) e países pobres.

Em síntese: a Idade Média se caracteriza pela libertação da escravidão; a sociedade industrial se caracteriza pela libertação da fadiga e a sociedade pós-industrial é marcada pelo fim do trabalho.

Tecnologia, produção, ócio, desemprego

Com a terceira Revolução Industrial predomina uma nova tecnologia e prevalecem um novo tipo de trabalho e uma nova situação para os trabalhadores e o emprego do tempo.

O cenário do início do novo milênio mostra um quadro de menos trabalho e maior ócio. Mas nem todos vão se beneficiar das novas condições. Uma parte dos trabalhadores trabalhará menos, outra parte trabalhará mais e uma outra estará desempregada em busca de trabalho.

O que se observou no século XX foi a diminuição da jornada de trabalho. Hoje para produzir riqueza já não é mais necessário o trabalho de todas as pessoas. Graças à tecnologia avançada produz-se mais com um menor número de pessoas. Nos países capitalistas europeus a produção quase duplicou nos últimos 35 anos, sem no entanto, quadruplicar o trabalho. Veja-se o que segue: “na Alemanha, a partir de 1955, o volume anual de trabalho diminuiu em 30%; na França, em 30 anos, a diminuição foi de 15% e no espaço de 6 anos diminuiu 10%.”²

Além de diminuir o volume de trabalho, diminui também o tempo de trabalho. Veja-se como o tempo de trabalho vai-se tornando menor: “em 1650 um operário fornecia 5.000 horas de trabalho; em 1900 fornecia 3.200 horas de trabalho; em 1960 oferecia 2.800 horas; em 1985 eram oferecidas 1.600 horas.”³

Paralelamente à questão do aprimoramento da técnica e da diminuição das horas de trabalho cria-se um novo tempo para o lazer ou vem a ameaça do desemprego como espectro ameaçador. Um número crescente de pessoas

² CNBB. *Sem Trabalho... Por quê ?* São Paulo: Salesiana, 1999, p. 77.

³ CNBB. *Op. cit.* p.77

não vai ter mais oportunidade de trabalho e outro contingente terá mais tempo para o lazer. A partir da Revolução Industrial o tempo de vida dedicado ao trabalho vem diminuindo cada vez mais: “em 1850 o trabalho representava 70% da vida de uma pessoa; em 1900 representava 43% do tempo de vida; em 1980 representava 18% da duração de vida; e, em 1999, o tempo de trabalho ocupava 14% do tempo de vida.”⁴

No caso brasileiro, tem-se a seguinte situação: “em 1900 a média de vida era de 34,4 anos e gastava-se 30% da vida em trabalho; em 1950 a média de vida era de 41,5 anos e gastava-se 26% do tempo de vida com o trabalho; em 1999 a média de vida era 65,2 anos e o trabalho tomava 16% do tempo de vida; em 2010 a média de vida deverá ser de 82 anos e estima-se que o tempo gasto com trabalho será de 12% da vida.”⁵

Conclui-se que a parte dos que estão trabalhando cada vez diminui mais, a produção será maior e haverá mais tempo livre.

As exigências para com o trabalhador também mudaram. Se antes o trabalhador sonhava com um emprego seguro, salário mensal e no fim a aposentadoria, agora lhe são apresentadas metas a cumprir. A pressão para atingi-las acarreta mais trabalho, jornadas mais longas, estresse e depressão.

As funções preenchidas pelos que têm curso superior também mudaram e o perfil do profissional exigido pelo mercado passa a ter novas características. Ele deve ser capaz de exercer múltiplos papéis, deve saber trabalhar em equipe, ter formação intelectual ampla, executar várias tarefas ao mesmo tempo, demonstrar habilidade na busca de soluções, pesquisar, dominar a informática, ser flexível para mudar de funções e de cargos, dominar outros idiomas (no mínimo, inglês). Tudo indica que o profissional do futuro vai se ocupar mais de pesquisa, análise de sistemas, psicologia, marketing, relações públicas, cuidados com o corpo, viagens e jornalismo.

Mas, o problema maior, que vem tirando o sono tanto de trabalhadores como de governantes, é a questão do desemprego. Segundo a Organização Internacional do Trabalho, em 1997, um bilhão de pessoas estava desempregada ou subempregada. Este número representa 30% da força de trabalho existente. Vejam-se as taxas de desemprego na Europa e nos Estados Unidos em 1998: “França: 12,2%; Alemanha: 12,6%; Itália: 12,4%; Inglaterra: 5%; Espanha: 12,8%; Portugal: 6,5%; Áustria: 6,5%; Dinamarca: 7,4%; Estados Unidos: 4,7%”⁶

Na América Latina, segundo especialistas reunidos em Costa Rica, em 1997, 56% da população latino-americana só pode encontrar trabalho no

⁴ *Mundo Jovem*, Porto Alegre, março, 1999. p. 12.

⁵ *Folha de São Paulo*, 30.05.99

mercado informal.⁷ Em 1996 o nível de desemprego na Argentina foi de 17%, o que significa 6 milhões de pessoas. No Uruguai foi de 12,3%, no México de 5%, no Chile de 6% e na Colômbia de 11,2%.⁸ No Brasil a taxa de desemprego dobrou de 1994 a 1998. Segundo o IBGE, a taxa de desemprego é a seguinte: em 1990: 3,93%; em 1991: 4,15%; em 1992: 4,50%; em 1993: 4,39%; em 1994: 3,42%; em 1995: 4,44%; em 1996: 3,82%; em 1997: 5,66%; em 1998: 7,0%.⁹

No entanto, a riqueza combinada dos 447 bilionários do planeta é maior que a renda de 50% da população mundial. As grandes empresas, além de concentrar grande parte da economia mundial, também estão reduzindo custos e gerando desemprego. As vendas das 200 maiores corporações mundiais equivalem a 28% da economia mundial. Entretanto, essas grandes empresas não chegam a empregar 1% do total da força de trabalho.¹⁰

Nas 500 maiores empresas americanas, a proporção de empregos permanentes e de tempo integral representa somente 10% do total. Um estudo da Federação Internacional dos Metalúrgicos prevê que dentro de 30 anos, menos de 2% da atual força de trabalho em todo o mundo será suficiente para produzir os bens necessários para atender a demanda.¹¹

Segundo o professor Jorge Mattoso do Instituto de Economia da Unicamp, são três as causas que explicam a atual situação de desemprego e da precariedade das ocupações: a forma subordinada pela qual o Brasil se insere na economia mundial; a abertura indiscriminada e a ausência de mecanismos de combate à concorrência externa desleal; a política atual, especialmente os juros altos e o câmbio desvalorizado.¹²

O mundo do trabalho passou por uma grande e paradoxal transformação: o avanço da tecnologia acabou por voltar-se contra o próprio homem ou contra a maioria da humanidade. Em menos horas de trabalho produz-se cada vez mais e resta mais tempo para o trabalhador dando-lhe oportunidade para o lazer ou acarretando desemprego.

Na sociedade global criou-se uma cisão que a divide em duas partes: dos incluídos e dos excluídos. Os incluídos são os poucos que detêm nas

⁶ CNBB. *Op. cit.* p. 60.

⁷ *Estado de São Paulo*, 25.02.97

⁸ CNBB. *Op. cit.* p. 61.

⁹ CNBB. *Op. cit.* p. 62.

¹⁰ *Gazeta Mercantil*, 21.02.97.

¹¹ CNBB. *Op. cit.* P. 77.

¹² *Ibidem*, p. 86.

mãos os rumos do mundo do trabalho e comandam as grandes corporações que buscam produzir ao preço mais baixo, dispensando cada vez mais a força dos trabalhadores. Os excluídos são a grande maioria que busca ansiosamente trabalho, precisam dele para viver, mas a sociedade os dispensa. Para os incluídos há trabalho intenso e podem dar-se ao luxo do ócio e lazer. Para os excluídos resta o desemprego e o desespero.

Cabe à sociedade fazer sua opção frente à nova realidade do mundo do trabalho: ou será uma sociedade capitalista de exclusão que concentra os bens e o trabalho nas mãos de poucos, buscando acima de tudo o lucro para poucos ou será uma sociedade aberta e de cooperação recíproca que busca a inclusão cada vez maior de pessoas, dando chance a todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBORNOZ, Suzana. *O que é Trabalho*. São Paulo: Brsiliense, 1993.
- ARANHA, Maria Lúcia de A. e MARTINS, Maria Helena P. *Filosofando-Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1993.
- CATANI, Afrânio M. *O que é Capitalismo*. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CNBB. *Sem Trabalho... Por Quê?* São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1999.
- DE MASI, Domenico. *Desenvolvimento sem Trabalho*. 4. ed. São Paulo: Esfera, 1999.
- FERREIRA, Leila da Costa (Org.). *A Sociologia no Horizonte do Século XXI*. São Paulo: Boitempo, 1997.
- MARCUSE, Herbert. *A Ideologia da Sociedade Industrial*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- MOUNIER, Emmanuel. *O Personalismo*. Santos: Martins Fontes, 1950.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.